

Nova Mazagão através do Recenseamento Geral do Pará de 1778. Povoamento e hierarquização da riqueza

Yure Lee Almeida Martins.
Orientador: Antonio Otaviano Vieira Júnior

Antecedentes da fundação de Nova Mazagão

Em 11 de março de 1769, após meses de um último e cansativo cerco, a Praça-Forte de Mazagão na África foi evacuada. O abandono dessa fortaleza já estava sendo planejado desde dezembro de 1768. Mas a execução da ordem de retirada só foi realizada no início do ano seguinte. Por muitas décadas os mazaganistas se orgulharam de não se submeter aos mouros defendendo a bandeira portuguesa e a cristandade. A causa dessa retirada foi justamente um cerco militar planejado por um sultão muçulmano, Mulah Mohamed ou Sidi Mohamed ben Abdallah, de Marrakesh. Esse sultão *mouro* reuniu um exército de 75 mil soldados e 44 mil sapadores para expulsar os mazaganistas de sua fortaleza (Vidal, 2008: Pp15-50). Mendonça Furtado foi o grande articulador na decisão de se evacuar Mazagão e depois em enviá-los ao Grão-Pará além de auxiliar na logística que os receberia.

O abandono da praça-forte de Mazagão não se deve unicamente à inferioridade de seus defensores se comparados aos mazaganistas de outras épocas, que por várias vezes puseram exércitos mouros numericamente muito superiores aos seus bater em retirada. Durante as duas últimas décadas de sobrevivência de Mazagão na África, todo o Império português passa por profundas transformações. Essas mudanças eram capitaneadas por Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, mais conhecido por seu título de nobreza tardio, Marquês de Pombal, que veio a se tornar o mais influente e poderoso ministro de Portugal durante o reinado de D. Jose I (1750-1777).

A Nova Vila de Mazagão

A Vila Nova de Mazagão, como todas as outras vilas do Pará foi alvo de várias contagens populacionais entre os anos 1773, 1778, 1783, 1789 e 1797, além de um levantamento específico para Macapá e Nova Mazagão em 1810. Mas neste caso utilizaremos o Recenseamento de 1778 da Capitania do Pará¹. Primeiramente por ser o

¹ Ofício do Governador do Rio Negro João Pereira Caldas para o Martinho de Melo e Castro, remetendo os mapas anuais da população das capitanias do Estado do Pará e Rio Negro, de 1778 a 1781. 22 de Junho de 1785. AHU_ACL_CU_013, Cx. 94, D. 7509 (Projeto Resgate).

único que dispomos na íntegra e não apenas os mapas gerais (resumos), em segundo lugar por ser contemporâneo a uma investigação populacional específica realizada na vila. Esta investigação sobre o estado físico da vila e seus moradores se iniciou após os reflexos do fim do auxílio de “*cazas, de raçoens, e de Hospital*” que ainda se dava aos mazaganistas estabelecidos em Belém².

Tabela 1: Número total de habitantes de Nova Mazagão 1773-1778³.

Ano	Total de livres, índios e escravos	Aumento da população ao final de cada ano
1770	7	
1771	356	349
1773	543	187
1774	867	324
1775	1149	282
1776	1538	389
1777	1763	225
1778	1651	-112

Os mapas da população consultados apresentam o número de habitantes de cada vila ao final de um ano. Sendo assim percebemos que entre 1774 e 1776, fim dos auxílios em Belém, um pico do envio de povoadores para Nova Mazagão. Como a tabela acima nos mostra o ano de 1776 tem o maior envio de povoadores, uma vez que eram cada vez maiores os gastos da burocracia colonial local com os mazaganistas.

Apenas para o ano de 1778 encontramos uma diminuição da população da vila. Isto se deve aos muitos pedidos de saída da Vila acatados pela coroa portuguesa somados aos habitantes doentes enviados para tratamento em Macapá e os prováveis falecimentos deste ano.

2 AHU_ACL_CU_013, Cx. 75, D. 6291 (Projeto Resgate).

3 Montado a partir das listas de embarcados em canoas para Nova Mazagão (1771-1772). In: Anais do Arquivo Público do Pará, 1995; Mapa de todos os habitantes e fogos do Pará e Rio Negro. 14 de fevereiro de 1774. AHU_ACL_CU_013, Cx.72, D. 6100; Ofício do Governador do Pará João Pereira Caldas ao Secretário da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro o Mapa de toda a população daquele Estado. 8 de dezembro de 1775. AHU_ACL_CU_013, Cx.74, D. 6252; Mapa de todos os habitantes e fogos existentes nas freguesias e povoações das capitanias do Estado do Pará e Rio Negro. 1 de janeiro de 1776. AHU_ACL_CU_013, Cx.74, D. 6256; Mapa de todos os habitantes e fogos existentes nas freguesias e povoações das capitanias do Estado do Pará e Rio Negro. 1 de janeiro de 1777. AHU_ACL_CU_013, Cx.76, D. 6368; e Ofício do Governador do Rio Negro João Pereira Caldas [...]. 1785. AHU_ACL_CU_013, Cx. 94, D. 7509 (Projeto Resgate).

Em outubro de 1778 um requerimento da “*Corporação da Camara, nobreza, e parte da população*” de Nova Mazagão chama a atenção da Rainha, D. Maria I, para os infortúnios desta população. Em uma troca de correspondências a seguir a Rainha cobra do governador do Pará que verifique a veracidade das queixas dos mazaganistas para solicitarem a saída de sua nova vila⁴.

A primeira dessas solicitações, ainda em 1774, foi a de Inácio Freire da Fonseca, capitão de Infantaria da Companhia de guarnição da extinta Praça de Mazagão, professo na ordem de cristo, que pediu desobrigação de ir para Nova Mazagão com sua família preferindo estabelecer-se em Belém.

Nos quatro anos seguintes foram mais 12 pedidos de dispensa para não ir habitar ou para sair da vila que chegaram ao Conselho Ultramarino. Além de solicitações coletivas dos mazaganistas distribuídos pelo Pará. A primeira solicitação coletiva foi em 1778, outra em 1781 e uma final e vitoriosa em 1783.

De certo modo as petições acatadas por ordem real, sete até 1783 e mais as 10 dadas por ordem do Governador do Pará até o mesmo ano incentivaram a petições coletivas de todos os mazaganistas. Somente após perceber o grande numero de pessoas que estavam envolvidas é que a Rainha D. Maria I engajou-se na averiguação da situação de penúria que alegavam haver em Nova Mazagão.

Nova Mazagão foi uma vila fundada em 1770, com grande empenho de toda a burocracia lusa entre o Marrocos, Portugal e o Pará. Porém em apenas oito anos via sua ruína cada vez mais. Isso é percebido principalmente quando a Rainha solicita do Governador do Pará que faça uma averiguação sobre as queixas dos moradores da vila⁵. Mas somente ao fim do ano de 1778 estas averiguações terão sido concluídas com um longo relatório e um imenso levantamento de informações sobre o estado de Nova Mazagão⁶.

4 AHU_ACL_CU_013, Cx. 80 D. 6639; AHU_ACL_CU_013, Cx. 81, D. 6650; AHU_ACL_CU_013, Cx. 81, D. 6671; AHU_ACL_CU_013, Cx. 82, D. 6720; AHU_ACL_CU-COD.1257 e AHU_ACL_CU COD.1790

AHU_ACL_CU_013, Cx. 81, D. 6650

6 AHU_ACL_CU_013, Cx. 81, D. 6671

Quem foi para Nova Mazagão

Tamanho dos domicílios

O tamanho médio as famílias de Mazagão que foram encaminhadas para Lisboa é de aproximadamente 4,34 pessoas⁷. Esse número pequeno para o tamanho médio do domicílio é nas palavras de Peter Laslett uma tendência do mundo ocidental (ANDERSON, 2001: 21-22; e p.32). O tamanho dos grupos familiares varia entre 2 e 11 indivíduos (SILVA Op. Cit.:6).

Tabela 3: Tamanho dos domicílios de Mazagão em 1768-1769⁸

número de pessoas	número de famílias	número de pessoas	número de famílias
2	68	7	35
3	95	8	14
4	79	9	7
5	65	10	3
6	54	11	2

Como a tabela a cima nos mostra, famílias grandes não eram muito comuns em Mazagão. Sendo a maioria grupos familiares de 2 a 5 pessoas. Percebemos que quanto maior o numero de pessoas no grupo familiar menor a incidência deste tamanho de família.

Segundo Ariès foi comum na Europa medieval e moderna criar-se classificações etárias dividindo a vida das pessoas em fases ou ciclos. Como a infância, juventude, maturidade e velhice (ARIÈS, 1981:279). Para o século XVIII nos domínios portugueses temos as “classes”, instituídas pelo Marques de Pombal. Que foram aplicada em diversas contagens populacionais. Por exemplo, os mapas gerais (resumos) das contagens populacionais do Estado do Grão-Pará dos anos de 1773, 1774, 1775, 1776, 1777 e 1778.

7 Obtivemos estes dados após a apurada confecção de um banco de dados contendo todas as famílias. Nome a nome de todas as pessoas e com o máximo de informações possíveis de serem anotadas. Com isso pudemos divergir dos dados de José Manoel de Azevedo e Silva (SILVA,2007: 6) que apontam uma média aproximada de 5 pessoas por domicílio.

8 Montado a partir do códice avulso do Arquivo Ultramarino “Relação das famílias que vieram de Mazagão, 1769”. AHU_Cód. 1784.

Após oito anos de colonização, o que parecia impossível tornou-se uma lamentável realidade. Vila Nova de Mazagão, que foi tão bem vista pelas autoridades que planejaram e executaram sua construção e ocupação não parecia atender nem de longe as positivas expectativas das autoridades portuguesas.

Ocupações

Podemos ter uma idéia inicial deste quadro ao olharmos as ocupações e empregos dos moradores da Vila.

Tabela 4: Emprego dos moradores

Empregos	Número
alferes auxiliar	28
Almocadem	1
capitão auxiliar	3
fiel da Fazenda Real	1
provedor commissário da Fazenda Real	1
sargento mor auxiliar e comandante da Villa	1
soldado da tropa paga	4
vigario calado da dita Villa	1
Total	40

Tabela 5: Ofícios dos moradores

Ofícios	Número	Ofícios	Número
alcaide	1	escrivão da Fazenda Real	1
alfayate	1	ferreiro	1
alfayate, e lavrador	1	ferreiro, e lavrador	1
armeiro, e lavrador	1	jornaleiro	2
boticario	1	lavrador	110
cabo de canoa	1	lavradora	12
calafate	1	negociante	3
çapateiro	12	pedreiro	3
çapateiro, e lavrador	1	penteeiro	1
carpinteiro	4	porteiro	1
carpinteiro, e lavrador	3	sangrador, e lavrador	1
cirurgião	1	tecelão	6
cirurgião, e lavrador	1	tendeiro	1
escrivão da almotaçaria	1	torneiro e trabalhador de jornal	1
escrivão da camera e do judicial	1		
		Total	175

Inicialmente percebemos que a estrutura do recenseamento deixa bem clara uma diferenciação entre os tipos de ocupações exercidas pelos moradores. Os empregos estão ligados principalmente a funções na tropa, Igreja e a burocracia colonial, ambas vinculadas ao Estado Português. No caso dos ofícios a grande maioria são profissões, neste caso específico ainda encontramos um alcaide, um escrivão da almotaçaria e um escrivão da Fazenda Real, funções para as quais são necessários alguns conhecimentos que a grande maioria dos trabalhadores talvez não possuísse.

O ambiente agrícola parece prevalecer na vila, pois a grande maioria era de trabalhadores braçais do campo, 110 lavradores e 12 lavradoras além dos 7 trabalhadores de duplo ofício, todos homens, que também exercem a função de lavrador. Dentre estes, todos os 20 casos em que a produção da lavoura foi identificada ela era de arroz. Em apenas dois casos havia produção de outros gêneros como farinha e

algodão. Não encontramos nenhum Senhor de engenho, grande criador de gado ou outro tipo de grande proprietário agrícola na vila.

Em segundo lugar temos os sapateiros, 13 cabeças de família, em terceiro os tecelões, 6, e em quarto os carpinteiros, 4. Durante o início da construção da vila eram estes os principais tipos de ofícios dos enviados para Nova Mazagão, quando foi possível encontrar esta informação. Após este primeiro momento, onde receberiam algum pagamento pelo trabalho na obra, passaram a depender unicamente de seus ofícios como comprova o censo.

Apenas um dos 13 sapateiros, Jozé Rabelo, passou a dedicar-se também a lavoura. Dois desses homens passaram a grandes privações por pouco exercerem seu ofício e um é classificado como de “nenhuma aplicação”, por não ter exercido seu ofício por todo o ano de 1778.

No caso dos carpinteiros, vemos três dos sete cabeças de família passarem a trabalhar em um segundo ofício, como lavradores. E sua primeira fonte de renda lista da pelo recenseador foi a dos ganhos na lavoura, seguidas dos ganhos por seus ofícios. Em outras palavras, para se adaptar a nova vida tiveram que deixar para segundo plano a profissão que trouxeram consigo. Foi Jozé da Costa, que com o segundo maior grupo familiar dentre os carpinteiros obteve 24\$000 réis de sua lavoura mais os ganhos por seu ofício. Esta classe de trabalhadores, como inteira não foi classificada entre os grupos de riqueza estabelecidos para o recenseador.

Ao que tudo indica havia sempre bastante trabalho para os carpinteiros e pedreiros de Nova Mazagão. Se bem que nem sempre tivessem quem pudesse pagar para que executassem seus serviços. Eles mesmos haviam construído a vila, no entanto não eram responsabilizados pelos moradores pelo estado de ruína a qual as construções da vila se encontravam⁹. Eram muitas casas, o armazém, o hospital e as duas igrejas.

Voltando aos empregos vemos que 28 cabeças de família possuem um emprego na tropa. Como colonos provenientes da antiga praça fortificada de Mazagão na África, estes homens mantiveram em muitos casos suas funções militares. Nesse aspecto vemos em parte a efetivação do planejamento da burocracia portuguesa de utilizá-los para a defesa da região.

9 AHU_ACL_CU_013, Cx. 82, D. 6720.

O “emprego” é um dado importante de se explorar. No entanto são os ofícios dos moradores de Nova Mazagão que nos dão mais informações sobre o cotidiano da vila. São muitos os cabeças de família que sustentam seus lares exercendo seus pequenos ofícios dentro da própria vila. Como o boticário Francisco Martins da Costa, homem branco, casado e morador de Nova Mazagão.

Este homem chegou á Nova Mazagão como agregado da família do sangrador Manoel da Silva Lisboa em 23 de maio de 1771. E quando da confecção do recenseamento aparece encabeçando uma família de 5 pessoas, sendo uma delas escrava.

Além de um considerável espaço para aqueles que exerciam pequenos ofícios, mesmo em uma vila de poucos recursos e distante de Belém havia sempre a necessidade de negociantes. Em Nova Mazagão esta função era exercida pelo capitão auxiliar Ignacio Luis da Fonseca e pelos alferes auxiliares Francisco Mamede e Rodrigo da Veiga. Os três eram membros da tropa, portanto, estavam envolvidos na defesa da vila e nas possíveis atividades que necessitassem de viagens o que lhes facilitava o transito para fora dos limites de Nova Mazagão, proibido aos demais moradores.

Durante o século XVIII, e especialmente durante a segunda metade, vimos uma gradativa diminuição do preconceito em torno dos negociantes. Podemos entender os mercadores como um intermediário entre os portadores do “mal mecânico”, trabalhadores manuais, e os fidalgos (FRAGOSO, 2006: 78). Assim a ascensão do grupo mercantil se dava a margem de poderes sociais vigentes (FRAGOSO, op. Cit. 73). Por outro lado esta classe tentava enobrecer-se enquanto utilizava seu capital financeiro para afinar seus comportamentos com os da nobreza. No caso de negociantes e mercadores da colônia este enobrecimento parece ter sido de certa forma facilitado por possíveis inserções nas chamadas “nobrezas da terra”.

Estes grupos viam seu reconhecimento consolidar-se, dentre outras coisas, ao construírem suas clientelas em torno dos poderes adquiridos em cargos na administração colonial e nas câmaras. Apesar disso, nenhum dos três negociantes residentes em Nova Mazagão esteve listado entre os membros da câmara¹⁰.

Vemos especialmente através de iniciativas do Marques de Pombal, como a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão,

10 Para isto analisamos uma lista incompleta com o nome dos membros da Câmara de Nova Mazagão.

Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba, Companhia das Vinhas do D'Ouro e o aumento do controle estatal na região das minas brasileiras. Por traz dessas iniciativas se escondia uma política agressiva, no entanto discreta e respeitante aos acordos e tratados anglo-portugueses que visavam estimular e desenvolver a capacidade de controle dos comerciantes portugueses para criar uma classe de empresários forte e inteligente o suficiente para disputar o comércio colonial e de reexportações com os ingleses (MAXWELL, 1997: 60-80).

Para o caso específico de Nova Mazagão não encontramos no Recenseamento de 1778 sempre as informações referentes ao campo “possibilidade”. Segundo Cardoso: “*Este recenseamento mostra também as possibilidades socioeconômicas dos Cabeças de Família, identificados por pobres, possibilidades mediana, possibilidades inteiras e ricos*” (CARDOSO, 2008:74).

Estes homens possuíam até três escravos em média e suas famílias variavam de 10 a 25 pessoas. Em localidades onde é rara a grande concentração de escravos fica-se condicionado a classificar como domicílios mais prósperos aqueles com maior concentração de escravos. A demonstração de carência de escravos não é o suficiente para uma caracterização. Ou seja, a qualidade do grupo de escravos deve ser analisada. Muitos escravos velhos, muitas crianças ou uma grande combinação dos dois elementos forma um plantel com pouco valor de mercado (BACELLAR, 2001). Aproximadamente um quarto dos escravos de Nova Mazagão era de jovens de até 15 anos.

Tabela 6: Perfil dos escravos de Nova Mazagão em 1778

ESCRAVOS			
MACHO		FEMEAS	
menores	adultos	menores	adultos
46	208	39	102

O capitão auxiliar Ignacio Luis da Fonceca era, dentre estes homens o de melhor situação, possuía apenas três familiares, um escravo menor e 20 adultos “efetivos a soldada” (CARDOSO Op. Cit:96). Como deveria realizar pagamentos a estes indivíduos “a soldada”, podemos supor que seus trabalhos como negociante não iam tão mal.

O fenômeno de pessoas soldadas era muito raro em Nova Mazagão, encontramos apenas 13 casos, a maioria era de pessoas adultas do sexo feminino, 30 dentre 44 indivíduos¹¹.

Dentre os 310 cabeças de família em 7 encontramos a possibilidade [nível de riqueza] declarada, 131 tiveram sua possibilidade declarada de forma vaga, 40 tiveram apenas o rendimento dos seus ofícios, 131 tiveram apenas a produção de sua lavoura contabilizada e um que nada produziu.

Portanto verificar os perfis de riqueza que se formam em meio á sociedade formada por estes povoadores luso-marroquinos nos mostra como estes homens e mulheres criaram estratégias para sobreviver, hora afinando determinadas relações, como as vinte pessoas soldadas de Ignacio Luis da Fonceca, hora as modificando como o sangrador Manoel da Silva Lisboa que criou uma nova família desvencilhando-se de sua posição de agregado.

Em todo caso ter um emprego em Nova Mazagão significava um elemento distintivo dentro da hierarquia social da vila. Dentre os homens com emprego encontramos dois dos três únicos homens cuja possibilidade é declarada como mediana. Apenas 12,9% dos cabeças de família possuíam uma profissão e dentre todos os habitantes da vila apenas 7 tiveram seu nível de riqueza declarada.

Gênero

Para o ano de 1778 em Vila Nova de Mazagão encontramos 62 dos 310 cabeças de família sendo chefiados por mulheres. Havia 60 viúvas e 2 solteiras. Dentre os homens havia 215 casados, 6 solteiros e 2 clérigos seculares.

Segundo Cardoso, 41,25% dos indivíduos componentes da população de Nova Mazagão eram do sexo feminino no ano de 1778¹². E dentre os 19,86% que figuravam como cabeças de família, uma parcela considerável, aproximadamente 20% era de mulheres que tinham o encargo, ou a necessidade, de liderar seu grupo familiar.

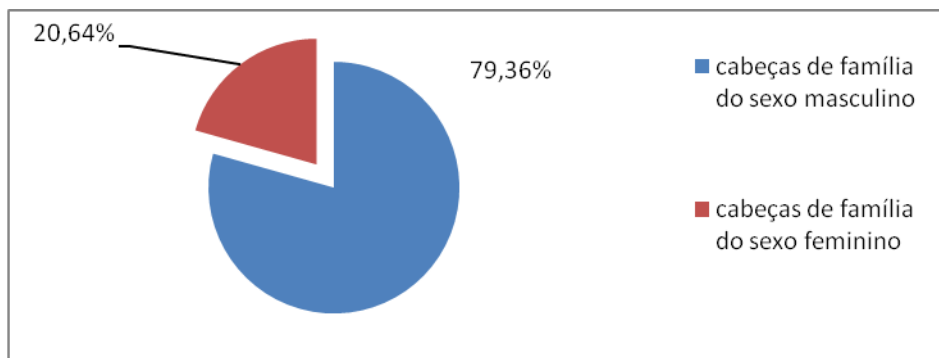
Dentre todas essas mulheres chefes de suas famílias encontramos apenas 12 que por terem se inserido na vida econômica da vila eram reconhecidas por seu trabalho.

11 Por exemplo, na Sé uma das freguesias mais povoadas do Estado, e parte da Capital Belém, encontramos 426 homens servindo a soldada e 487 mulheres na mesma situação. De certo modo a mão-de-obra “soldada” é um tipo de trabalho compulsório.

12 CARDOSO Op. Cit. Anexos. QUADRO 74: Perfil sociodemográfico dos cabeças de família da freguesia de mazagão.

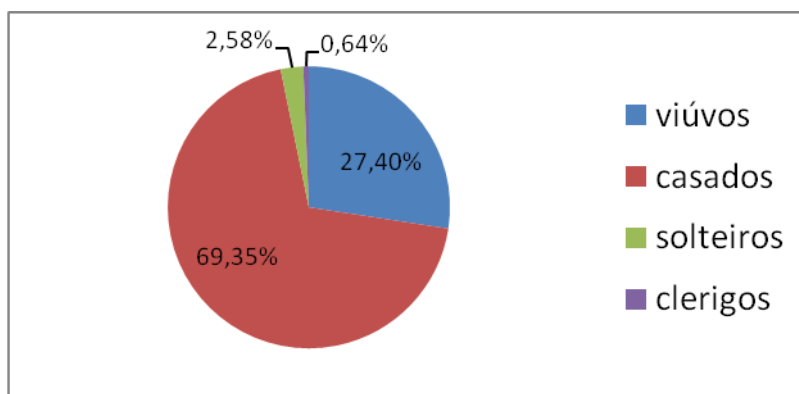
Eram 11 viúvas e uma solteira identificadas pelo recenseador por “lavradoras”. Essas mulheres e as famílias que estavam sob suas chefias totalizavam 227 indivíduos, aproximadamente 14,55% da população da vila.

Gráfico 3: cabeças de família de Nova Mazagão por sexo (1778).



Enquanto o tamanho médio dos fogos de Nova Mazagão girava em torno de 5 pessoas. No caso destas mulheres o tamanho médio do fogo é de aproximadamente 3,5 pessoas. O que na prática significa que estas mulheres teriam muito mais dificuldade de manter suas famílias. Uma vez que dentro do grande grupo de lavradores e lavradoras da vila, que estavam dedicados ao cultivo do arroz, o número maior de braços hábeis ao trabalho era fundamental para a subsistência de uma unidade produtora.

Gráfico 4: cabeças de família de Nova Mazagão por estado (1778).



Tamanho dos domicílios

O tamanho médio das famílias de Nova Mazagão é aproximadamente 5,13 pessoas. Já um pouco maior do que o registrado anos antes. Curiosamente apesar de o

número total de pessoas ter diminuído encontramos agrupamentos familiares bem maiores.

Por exemplo, Francisco de Pinho de Castilho saiu de Mazagão para Lisboa aos 39 anos deixando para trás sua casa e a patente de tenente. Sua família era composta de sete pessoas, sua mulher, filhos, mãe e irmã. Ao chegar em Belém sua família tinha oito pessoas, sendo duas a mais, um agregado e um irmão, sua filha caçula de meses morreu na viagem. Oito anos depois ele é um dos pobres lavradores de arroz de Nova Mazagão e que dispões de mais 15 pessoas para a lida na lavoura. Sua pequena produção lhe rendeu 178\$200 rs (cento e setenta e oito mil e duzentos réis) da venda de 360 alqueires de arroz. Mudanças radicais de vida como a ocorrida com Francisco Castilho foram a regra para muitos mazaganistas e não sem duras penas.

Tabela 8: Tamanho dos domicílios de Mazagão em 1778¹³

Número de pessoas	Número de famílias	Número de pessoas	Número de famílias
1	16	9	14
2	44	10	9
3	40	11	3
4	54	12	3
5	48	13	1
6	25	14	3
7	25	16	3
8	20	25	1

Mudanças no perfil da população.

Com o passar do tempo tudo muda. Porque seria diferente com a população de famílias mazaganistas. O fato é que este breve acompanhamento, até que um pouco curto para a média temporal dos trabalhos relativos ao período colonial, segue o norte

13 O gráfico foi montado a partir de APEP Cod. 197; APEP Cod. 208; e Ofício do Governador e Capitão-General do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. 5 de fevereiro de 1779. AHU_ACL_CU_013, Cx. 82, D. 6720

dos estudos que focam a família como uma instituição que moldou os padrões da colonização e ditou as normas de conduta e das relações sociais (SAMARA, 2003: 13-15).

Buscamos rastrear tantas famílias na medida do que foi possível a partir dos anos de 1768-69 quando abandonaram seus lares e foram para Lisboa. Os reencontramos um ano depois em 1770 desembarcando em Belém capital do Estado do Grão-Pará e voltamos a encontrá-los oito anos depois as vésperas de iniciarem o abandono do novo lar. Portanto um conjunto de eventos chave para a história particular desta população.

Ocupações

Em 1769 com as informações que tínhamos sobre as ocupações dos moradores de Mazagão podíamos apenas reconstituir com bastante precisão a artilharia, cavalaria e infantaria que defendiam uma fortaleza no Marrocos¹⁴.

Apesar do grande incentivo do governo do Pará e dos Conselheiros do Rei para que os mazaganistas se adaptassem aos novos tempos e se tornassem agricultores, isso não parece ter dado muito certo. É correto que a gigantesca tropa de mazagão se reduziu bastante em Nova Mazagão, mas os objetivos de os equipar com material de colonos agricultores não foi exitoso. Eram 536 soldados alistados em diversos grupos de soldados em 1769, 58 militares em 1770 e apenas 42 em 1778. Paralelamente surgiram mais de 120 lavradores e lavradoras sem muito talento além de diversos outros tipos de trabalhadores manuais em grande número.

Uma mudança considerável, se nas primeiras contagens dos mazaganistas a se preferiu indicar ocupação militar do chefe do grupo familiar, nos anos seguintes foi mais corriqueiro encontrá-los como trabalhadores braçais diversos do que como militares. Apesar disso, e em certo sentido “contra a maré”, em diversos momentos a população da vila tentava ressuscitar ou reinventar sua nobreza e bravura em ofícios e requerimentos onde solicitavam a resolução dos muitos problemas surgidos com a colonização da vila.

Gênero

O grande diferencial obtido e que se pode notar sobre o gênero dos mazaganistas é relativo á chefia feminina. Entre 1768-1770 a média da chefia feminina entre os mazaganistas ficou em torno de 13 a 15%. Em Nova Mazagão devido a diversos fatores

¹⁴ Como era de se esperar o responsável pela contagem da população privilegiou os postos militares ocupados pelos moradores da cidade em vez de informar a que tipo de ofícios e demais formas de trabalho se dedicavam seus chefes de família e demais membros.

este percentual subiu para 20% sendo que encontramos fenômenos como mulheres solteiras como cabeças de família.

Sobre esta maior protagonismo das mulheres a frente das famílias podemos apontar que várias mulheres que chegaram casadas e com família constituída tiveram a perda de seus companheiros, tornando-se viúvas. Apesar de muitas das mazaganistas serem mulheres prendadas para os padrões da época, o terreno para os matrimônios não era dos mais férteis em Nova Mazagão. Talvez por isso não tenhamos encontrado uma única nova união constituída na Vila.

Os fatores que levaram a este ambiente não propício para o casamento são os mesmos do enredo caótico que rodeava o cotidiano da vila. As dificuldades em arregimentar mão-de-obra indígena e a dificuldade de transformar o potencial agrícola das famílias em efetiva produção.

Tamanho do domicílio

Encontramos uma constante entre a população de Mazagão desde a África. Um tipo de grupo familiar composto de 4 a 5 pessoas. Por exemplo, em 1768 o número de criados, afilhados e enjeitados em Mazagão era de apenas 15 pessoas distribuídos em 15 famílias. Não esquecendo as 240 pessoas que foram contabilizadas como sem pertencimento às famílias da cidade. Com o abandono das casas de Mazagão a população da cidade tinha as famílias como único fator em que pudessem se manter coesas. E por este motivos se mantiveram unidas nas muitas viagens por mar e por rio que ainda faziam.

Por ordem do Conde de Oeiras, futuro Marques de Pombal, as famílias de Mazagão foram re-estruturadas antes de deixarem Lisboa. Por esse motivo vimos chegarem em Belém grupos familiares mais extensos e complexos. A principal mudança se dá sobre o número de agregados, 90. A ordem de Pombal mandava inserir os açorianos da fortaleza abandonada entre as famílias como forma de melhorar o potencial agricultor de cada uma. Fora isso encontramos membros de outras famílias, agora como agregados ou com algum tipo de parentesco distante, arroladas com novas famílias. Por exemplo, Manoel Jose de 38 anos, conhecido pelo apelido de Coruja, era agregado da família do sargento de navio Teodósio Pinto dos Santos de 28 anos. O mesmo Manoel José era um dos soldados de Mazgão classificados como sem família e foi enviado para Nova Mazagão ainda como agregado.

Os laços construídos na antiga cidade não se dissipavam como um todo para a população de mazaganistas, mesmo com a mudança de continentes e o abandono de suas antigas residências. O fato é que constituíram novas organizações familiares com afilhados, enteados, sobrinhos e filhos mais velhos sobre um mesmo novo teto.

Referencias

ANDERSON, Michael. *Approaches to the history of the western family, 1500-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2001

CARDOSO, Alanna Souto; Universidade Federal do Pará. *Apontamentos para história da família e demografia histórica da capitania do Grão-Pará (1750-1790)*. 2008. 257 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, 2008.

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. 2. Ed. [Rio de Janeiro]: Paz e Terra, [1997].

FRAGOSO, João ... [et al.], organizadores. *Nas Rotas do Império – eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: Edufes; Lisboa: ICT, 2006.

SAMARA, Eni. *Mulheres e povoamento. São Paulo no século XVII*. 2003

VIDAL, Laurent. *Mazagão a cidade que atravessou o Atlântico do Marrocos à Amazônia (1769-1783)*. São Paulo. Martins: 2008.